

Das marcas de dialogismo no texto acadêmico: o discurso citado em monografias de estudantes de Letras/Português¹

José Cezinaldo Rocha Bessa²

Rosângela Alves dos Santos Bernardino³

Resumo: Neste trabalho, investigamos modos de discurso citado mobilizados por estudantes de Curso de Letras na escrita de textos acadêmicos. O aporte teórico advém fundamentalmente dos postulados de Bakhtin (1990, 2006), Maingueneau (1996, 2002), Authier-Revuz (1998, 2004) e Boch & Grossmann (2002). De natureza descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, a pesquisa tem como *corpus* monografias de conclusão de curso. Os resultados revelam que os estudantes mobilizam modos variados de discurso citado, dentre os quais predominam aqueles em que há reprodução literal das palavras do outro, o que parece indicar a dificuldade do estudante de Letras em parafrasear e atribuir sentidos ao discurso que ele cita.

Palavras-chave: Dialogismo. Discurso citado. Estudante de curso

¹ Sob o título “A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de Letras/Português”, o presente trabalho foi apresentado em sessão de comunicação oral e publicado nos anais do VII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), realizado no período de 09 a 12 de fevereiro de 2011, em Curitiba, PR. A essa versão que ora apresentamos foram incorporadas algumas modificações em relação à apresentada naquele evento.

² Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor Assistente II do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET).

³ Mestre e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Assistente I do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET).

Introdução

Como reflexo da crescente política de financiamento de recursos financeiros em pesquisa existente no sistema universitário brasileiro, pesquisadores mais e menos experientes são impelidos a publicarem seus trabalhos como meio de assegurar espaço profissional (MOTTA-ROTH, 2003). Em decorrência da demanda por publicação, o universo acadêmico em nosso país tem vivenciado, como nunca, uma efervescência na organização de eventos, de tal maneira que há, anualmente, especificamente na área dos estudos linguísticos, para um público mais especializado, no mínimo, uma meia dúzia entre eventos nacionais e internacionais de grande importância sendo realizados no Brasil, e tantos outros que abrem espaço para um público mais amplo, de modo a contemplar a produção de estudantes nos mais diversos níveis da formação acadêmica. Há também uma efervescência na publicação de trabalhos em livros e, sobretudo de periódicos, alguns deles voltados exclusivamente para estudantes de graduação, como é o caso, por exemplo, da revista *Ao pé da Letra* e dos *Cadernos de Pesquisa na Graduação em Letras*.

Nesse cenário de efervescência de publicações, a produção escrita acadêmico-científica de alunos vem se ampliando consideravelmente. Contudo, essa ampliação nem sempre vem acompanhada da qualidade, conforme indica pesquisa em relatórios de avaliação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) feita por Ramirez (2007), bem como sugerem resultados de estudos desenvolvidos por Motta-Roth (2003), Boch & Grossmann (2001, 2002), Pereira (2007), Bernardino (2007), entre outros.

Por isso, o olhar de preocupação para com a escrita de textos acadêmicos produzidos por estudantes universitários tem ocupado a atenção de um grande número de estudiosos da linguagem, que têm apontado, reiteradamente, para as dificuldades que esses estudantes apresentam na escritura de textos dessa natureza, seja em seguir a orientação argumentativa do texto-base e efetivar o gerenciamento de vozes em atividades de retextualização (MATÊNCIO, 1997), seja

em inscrever o apoio no discurso do outro na escrita de relatórios de pesquisa (BOCH, GROSSMANN, 2001), seja no estabelecimento da coerência local em relatórios de estágio, dificultada pela ausência de articulação de sentido entre título e os segmentos (parágrafos) que constituem o conteúdo do texto (RODRIGUES, 2003), seja em praticar a condensação ou síntese, a explicitação, explicação e mesmo a exemplificação de ideias no trabalho de parafaseamento (BERNARDINO, 2009), entre outros aspectos.

Compartilhando dessa preocupação com a escrita de textos acadêmicos produzidos por estudantes do ensino superior, temos desenvolvido estudos sobre a produção escrita acadêmica de estudantes de Curso de Letras (BESSA, 2007; BERNARDINO, 2009) e pesquisas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET), do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Este trabalho resulta, pois, de um desses estudos, mais precisamente de uma pesquisa do PIBIC/UERN, intitulada “A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de Letras”. Neste trabalho, detemo-nos a apresentar parte dos resultados dessa pesquisa, mais especificamente, objetivamos examinar marcas de dialogismo no texto acadêmico, focalizando uma descrição e análise dos modos de discurso citado mobilizados por estudantes de Letras/Português na construção textual dos sentidos de monografias de conclusão de curso.

Para dar conta desse objetivo, buscamos respaldo teórico em postulados de Bakhtin (1990, 2006), especialmente em suas discussões sobre dialogismo e sobre discurso citado, em estudos de Maingueneau (1996, 2002) e Authier-Revuz (1998, 2004) sobre o discurso citado/relatado, e em estudo de Boch e Grossmann (2002) acerca dos modos e funções do discurso do outro.

Orienta este trabalho a tese – amplamente aceita entre os estudiosos da linguagem situados numa perspectiva enunciativo-discursiva – de que a referência ao discurso do outro é um fenômeno recorrente, natural e característico dos textos de um modo geral. Em consonância com essa tese e compartilhando da ideia de que o texto científico é inevitavelmente atravessado pela voz do outro – dos estu-

diosos da área –, assumimos a posição de que a referência ao discurso do outro é uma prática ainda mais recorrente quando o seu produtor é um iniciante na produção do conhecimento científico, uma vez que este precisa do respaldo da autoridade da área para fundamentar o seu dizer.

Abordagem dialógica dos enunciados

O estudo sobre discurso citado que aqui empreendemos parte da compreensão de que a linguagem, os enunciados – portanto o texto – apresentam uma natureza constitutivamente dialógica. Nesse sentido, subsidiamo-nos na concepção de Bakhtin (2006) acerca da enunciação como produto da interação social, que, como tal, encontra na palavra sua propriedade constitutiva de orientação para um interlocutor (real, ou o representante médio do grupo), enfim, para um auditório social definido. Mais precisamente, a enunciação encontra na palavra a expressão de um movimento dialógico que assenta locutor e interlocutor num território comum, e encontra nas situações imediatas e nos contextos sociais mais amplos a determinação de sua estrutura, de seus estilos e formas. Esse princípio dialógico que movimenta a enunciação acha-se, então, no cerne de uma compreensão bakhtiniana da palavra como sendo orientada em função de um interlocutor, de um outro para o qual a palavra sempre se dirige em termos da língua em uso.

O diálogo a que se refere Bakhtin (2006), em sentido amplo, é o que constitui todo e qualquer ato verbal, não no caso somente das interações face a face. Assim, o diálogo associa-se ao que o autor entende por compreensão ativa, pois qualquer ato de fala, ato verbal, dirigido a um interlocutor/auditório, é sempre alvo de discussões ativas, críticas, objeções, concordâncias, entre outras. Na outra face do diálogo, o locutor antecipa o que esse interlocutor/auditório tem a dizer e responde também a ele prontamente, como num movimento de réplica em relação ao dizer desse outro.

Em Bakhtin (2006), compreendemos que o diálogo instaurado constitutivamente na enunciação associa-se também ao entrelaçar com outras enunciações. O enunciado, para ele, é propriamente

um elo da cadeia muito complexa de outros tantos enunciados já ditos. Afirma ele que:

Toda enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação ininterrupta [...]. A comunicação verbal entrelaça-se inextrincavelmente aos outros tipos de comunicação, e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. (BAKHTIN, 2006, p. 128). [grifos do autor].

Assim concebida, a enunciação mantém um vínculo indissociável com as situações concretas (imediatas e amplas) nas quais se constitui a produção verbal, mantém, por isso mesmo, um elo com o curso histórico das enunciações.

A orientação dialógica dos enunciados de que trata Bakhtin (1990) associa-se, ainda, com os discursos de outrem. O autor afirma que todo discurso “se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva.” (p. 88). Como não concebendo um tipo de discurso *Adão mítico* para o caso das interações verbais, Bakhtin (1990) defende que o discurso, concreto e histórico, “nasce no diálogo como réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto.” (p. 88-89). Essas palavras de Bakhtin evidenciam, pois, a compreensão de que o discurso se orienta por um ‘já dito’, para os discursos de outrem que lhe antecedem, sendo isso uma propriedade natural a qualquer discurso vivo.

Por fim, destacamos um outro ponto que decorre dessa compreensão dialógica da enunciação. Trata-se do que podemos designar como modos de inscrição, de materialização, na língua, do diálogo com o discurso de outrem, com as vozes alheias. Referimo-nos à noção de *discurso citado*, que constitui, para nós, elemento fundamental, já que pode orientar-nos a identificar tais modos na construção de textos acadêmicos. Bakhtin (2006, p. 150) compreende que “aquilo que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, [...] mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua constituição sintática, por assim dizer, em pessoa, como uma unidade integral da construção.” Assim,

o nosso dizer integra-se com o dizer de outrem, na sua construção, na sua unidade estrutural.

Dialogando com o pensamento bakhtiniano, diversos estudos têm sido empreendidos no campo da investigação linguística com foco no discurso citado, entre os quais podemos citar Authier-Revuz (1990; 2004), Maingueneau (1996, 2002), Boch e Grossmann (2002), Cunha (2003, 2008, 2011), que compartilham da tese de que o fenômeno do dialogismo é uma característica dos discursos de um modo geral. E, amparados aqui nessa tese, sustentamos que a manifestação dialógica do discurso de outrem na tessitura textual torna-se mais perceptível em se tratando de discurso citado, um recurso que o enunciador dispõe para introduzir, no fio de seu discurso, o dizer de outrem.

Os modos de discurso citado

Segundo Boch e Grossmann (2002), os modos de referir-se ao discurso do outro (entenda-se modos de discurso citado/relatado) são variados. São exemplos: o discurso citado direto, o discurso citado indireto, a ilhota citacional, a evocação, entre outros. No quadro a seguir, apresentamos uma caracterização de cada um desses modos, com base em abordagens de Authier-Revuz (1990; 2004), Maingueneau (1996, 2002) e Boch e Grossmann (2002).

QUADRO 01- CARACTERIZAÇÃO DOS MODOS DE DISCURSO CITADO.

Modos de discurso citado	Caracterização
Discurso citado direto	<ul style="list-style-type: none"> - o locutor se constitui como simples porta voz das palavras do outro, que ocupam o tempo ou espaço na frase; - delega a responsabilidade da fala citada a um segundo locutor, o do discurso direto; - procura conservar a integridade e a autenticidade do discurso alheio, esforçando-se para delimitar esse discurso com fronteiras nítidas e estáveis (itálico, aspas ou presença de um verbo introdutor), por isso mesmo “só tem existência através do discurso citante, que constrói como quer um simulacro da enunciação citada” (MAINGUENEAU, 1996, p. 105).

Das marcas de dialogismo no texto acadêmico: o discurso citado em monografias de estudantes de Letras/Português

Discurso citado indireto	<ul style="list-style-type: none"> - o locutor faz uso de suas próprias palavras, remetendo a um outro como fonte do 'sentido' dos propósitos que ele relata; - o discurso indireto não reproduz um significante, mas dá um equivalente semântico integrado à enunciação citante; e é o interlocutor que se encarrega do conjunto da enunciação; - no discurso indireto, a fala do outro se apresenta sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva direta, introduzida por um verbo dicendi.
Ilhota citacional	<p>“[...] o enunciador citante isolou em itálico e entre aspas um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita. [...] mesmo tratando-se globalmente de discurso indireto, este contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados. [...] a ilha está perfeitamente integrada à sintaxe: só a tipografia permite que essa parte do texto não é assumida pelo relator. [...]” (MAINGUENEAU, 2002, p. 151).</p>
Discurso citado direto com “que”	<p>- apresenta as mesmas características do DD, mas tem como introdutor um verbo dicendi mais que. Neste caso, “um fragmento entre aspas que apresenta as características do DD vem depois de ‘que’” (MAINGUENEAU, 2002, p. 152).</p>
Evocação	<ul style="list-style-type: none"> - o locutor não comenta o texto citado nem resume seu conteúdo, somente faz alusão a discurso de outrem; - apresenta algumas peculiaridades tais como: <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de marcas introdutórias de discurso reportado (tais como: Segundo X, conforme X, ou equivalentes), • Ausência de desenvolvimento temático do dizer do outro, • Presença de um nome próprio de autor, frequentemente com data à qual o autor do artigo se refere, sem precisar o teor do texto.
Modalização em discurso segundo	<ul style="list-style-type: none"> - o enunciador, além de remeter ao discurso de outra pessoa, pode comentar sua própria fala; - é introduzida por modalizadores que podem ser grupos preposicionais (conforme, segundo, para, etc.), verbos, dentre outros.
Resumo com citações	<ul style="list-style-type: none"> - é geralmente marcado pela acumulação de itálico e aspas; - os fragmentos entre aspas são partes do discurso original, estando “integrados sintaticamente” ao discurso que cita; - “trata-se do resumo de um texto cujo original aparece apenas em fragmentos no fio do discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p. 154).

Com base na caracterização acima esboçada, passamos, a seguir, à análise dos modos de discurso citado mobilizados pelos estudantes de Letras na escrita das monografias de conclusão de curso.

O discurso citado em monografias de conclusão de curso de estudantes de Letras/Português

Antes de passar a análise, cumpre explicitar a metodologia da pesquisa que realizamos, cujos resultados apresentamos aqui. De-

stacamos que nosso trabalho se caracteriza como uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa e quantitativa. O *corpus* se constituiu de 10 (dez) monografias de conclusão de curso produzidas no semestre letivo de 2008.2 por estudantes do 8º período do Curso de Letras/Português de uma instituição pública. O procedimento adotado para definição do *corpus* foi o da seleção aleatória simples mediante sorteio.

Destacamos que, na análise do *corpus*, realizamos, num primeiro momento, uma descrição e interpretação dos modos de discurso citado mobilizados, para, em seguida, apresentar dados quantitativos desses modos no gênero examinado, para, finalmente, tecer alguns comentários.

Do olhar qualitativo

Nesta seção, empreendemos uma análise qualitativa, focalizando a descrição e análise das ocorrências dos modos de discurso citado mobilizados pelos estudantes de curso de Letras/Português na escrita do texto monográfico.

Convém destacar que, nos fragmentos de discurso direto (daqui em diante DD) com mais de três linhas, para fins de destaque, reduzimos o tamanho da fonte para além daquele já definido para citações longas.

(01)

[...] Tratando sobre este assunto entre o papel da escola na formação dos sujeitos leitores, Silva (2005, p. 56), diz

Enquanto a escola não reconhecer os alunos com sujeitos-leitores responsáveis pela atualização do texto, estaremos perpetuando uma visão mitificada da literatura como algo complexo, difícil e distante da realidade do aluno.

Devemos, pois, a partir do pressuposto de que se, no ensino fundamental a literatura assume um caráter significativo na formação do leitor, o aluno tomará gosto pela leitura e, será mais fácil para ele no ensino médio desenvolver atividades mais complexas como análises e produção de histórias literárias, porém sem nunca perder de vista a literatura feita por prazer, encarando o texto como objeto de lazer, [...] (M04, p.19).

No fragmento acima, ao citar o discurso do outro, o estudante procura conservar a integridade e a autenticidade do mesmo, esforçando-se para delimitar esse discurso com fronteiras nítidas, como postula Bakhtin (1990). Nesse sentido, o estudante delimita o discurso do outro utilizando, além de recursos tipográficos tais como recuo e diminuição da fonte da letra, de um verbo *dicendi* (diz) e da explicitação da fonte do dizer (SILVA, 2005, p. 56), configurando-se um caso de DD. Ao focalizar o *papel da escola na formação de sujeitos leitores*, o estudante cita a autora Silva para fundamentar o seu dizer. Desse modo, ao citar em DD, o estudante do Curso de Letras comporta-se como “porta-voz” do discurso do outro, como diz Maingueneau (2002), atribuindo a esse outro a responsabilidade pelo dito.

(02)

[...] É provável que existem gêneros, mais adequados para a produção e outros para a leitura, já que em certos casos somos confrontados com o consumo receptivo e em outros casos temos que produzir os textos. Lopes-Rossi (2006, p.74) deixa isso bem claro ao afirmar que “nem todos os gêneros se prestam bem á produção escrita na escola porque suas situações de produção e de circulação social dificilmente seriam reproduzidas em sala de aula ou porque o professor julga conveniente priorizar, em certos momentos atividades de leitura”. Por essa razão, a escolha do gênero deve ser feita considerando além das modalidades, leitura e produção e oral e escrita, um agrupamento dos gêneros por séries para depois escolher um deles por vez para serem trabalhados, [...] (M09, p. 39).

No fragmento 02, ao desenvolver a temática acerca da adequação de gêneros para se trabalhar a produção textual e a leitura na escola, o estudante faz referência às palavras de Lopes-Rossi (2006). Para isso, utiliza a seguinte estrutura: *verbo dicendi + que + aspas*. Temos, nesse caso, um DD, ou seja, as palavras entre aspas são palavras de Lopes-Rossi (2006), que são introduzidas mediante o emprego de uma estrutura de DI, qual seja: verbo *dicendi* + que (*afirma que*), caracterizando o uso do discurso citado direto com “que”. Ao mobilizar esse modo de discurso citado, o estudante faz com que os dois atos de discurso se unam sintaticamente, de maneira que só os recursos tipográficos marcam a fronteira entre discurso citante e discurso citado. No recorte [...] *Lopes-Rossi (2006, p.74) deixa isso bem claro ao afirmar que “nem todos os gêneros se prestam bem á produção escrita na escola porque suas situações de produção e de circulação social dificilmente seriam reproduzidas em sala de aula ou porque o professor*

julga conveniente priorizar, em certos momentos atividades de leitura”. Por essa razão, a escolha do gênero deve ser feita considerando além das modalidades, [...]; podemos observar que a sequência sintática foi “quebrada” apenas pelo uso das aspas, sem as quais ficaria difícil delimitar as palavras de Lopes-Rossi, pelo fato de se ter aí uma estrutura de DI. E, como sabemos, esse modo de discurso citado pressupõe que as palavras seriam delegadas ao enunciador do discurso citante, no caso o produtor da monografia, que assumiria a responsabilidade pelo conteúdo do dito, fato que não se configura quando se usa o discurso citado direto com “que”.

(03)

[...] O livro, ou seu mau uso, pode massacrar a fantasia e a ludicidade oferecida pelo texto literário. Zilberman (1984), diz que o livro didático brasileiro inclui textos produzidos por autores contemporâneos da literatura nacional, mas norteados por práticas que nivelam a polissemia literária. O professor é manipulado pela sedução dos livros didáticos e a língua, desconsiderada em seu todo, é trabalhada como algo estanque. Nesse todo em que é defendido o ensino da língua, poderia se pensar em sua união com a literatura. [...] (M04, p. 37).

Neste fragmento, percebemos que, ao discutir sobre o ensino de literatura oferecido pelo livro didático, dando destaque para as implicações negativas que o seu ‘mau uso’ confere ao tratamento do texto literário, o estudante menciona, em DI, o que diz Zilberman (1984). Neste caso, o discurso de Zilberman é interpretado pelo estudante no sentido de atribuir a essa autora a afirmação de que *o livro didático brasileiro inclui textos produzidos por autores contemporâneos da literatura nacional, mas norteados por práticas que nivelam a polissemia literária [...]*. Podemos observar, então, que o estudante se comporta como “tradutor” do discurso de Zilberman (1984), de modo que se supõe que as palavras usadas pelo estudante se constituam como um equivalente semântico dos dizeres da autora a que se reporta. Segundo Authier-Revuz (2004, p. 12): “fazendo uso de suas próprias palavras, ele [o enunciador] remete a um outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele cita”. Assim, no DI, supõe-se que o estudante não se preocupou em citar fielmente as palavras do discurso fonte, mas em extrair delas um sentido, para, desse modo, apoiar o seu próprio dizer.

(04)

[...] O interesse pelo estudo dos gêneros e ensino vem de experiências anteriores, adquiridas durante a participação em pesquisas na área de leitura e produção de textos e de formação de professores (SOUZA, 2006, 2007 e 2008), nas quais obtivemos dados referentes ao trabalho com os gêneros discursivos [...] (M09, p. 15).

No fragmento 04, podemos perceber que o estudante remete-se a trabalhos que tematizam seu objeto de reflexão, gêneros e ensino. Sem resumi-los, nem comentá-los, esse estudante intenta apenas referenciar-se a eles, daí ser este um caso claramente típico da evocação, nos termos definidos por Boch e Grossmann (2002). Como podemos constatar nesse caso, o uso da evocação serve de apoio à argumentação empreendida pelo estudante, visto que lhe permite sustentar perante seus interlocutores a opção pela temática, bem como mostrar que tem experiência na área, advinda de estudos sobre gêneros e ensino já realizados, indicados textualmente pelo sobrenome do/a autor/a e datas (SOUZA, 2006, 2007 e 2008), assumindo, pois, a responsabilidade do dizer, ao mesmo tempo, em que facilita a gestão enunciativa.

(05)

[...] Segundo Bagno (2004), uma das consequências dessa atitude é que muitos falantes das variedades não padrão acabam abandonando a escola, por serem desprezados e não terem seus direitos linguísticos reconhecidos como tais, e por serem obrigados a assimilar conceitos veiculados numa variedade de português que é estranha para eles. [...] (M07, p. 43).

No fragmento acima, encontramos um exemplo de modalização em discurso segundo, a começar pelo uso do elemento introdutor que, conforme Maingueneau (2002), pode se constituir de grupos preposicionais (*conforme, segundo, para*), utilizados para remeter-se ao discurso de uma outra pessoa. Assim, no trecho: *Segundo Bagno (2004), uma das consequências dessa atitude é que muitos falantes das variedades não-padrão acabam abandonando a escola [...] é estranha para eles*, o introdutor *segundo* é utilizado pelo estudante para indicar que não é o responsável pelo enunciado. Além disso, o modalizador *segundo* indica que o enunciador está se apoiando em um outro discurso, comentando, ao mesmo tempo, o seu conteúdo.

(06)

[...] Castello (1999) afirma que, em todas as suas obras, Graciliano apresenta um processo narrativo predominantemente ficcional, contudo, “sem imaginação inventiva”. De acordo com o autor, as obras de ficção de Graciliano não disfarçam a presença do memorialista, e tal fato é talvez responsável pela quase completa ausência nas mesmas dessa imaginação. [...] (M05, p. 38).

Neste fragmento, temos uma pequena porção de DI em que somente o uso das aspas separa as duas vozes. Temos um DI contendo um fragmento de DD: [...] *Castello (1999) afirma que, em todas as suas obras, Graciliano apresenta um processo narrativo predominantemente ficcional, contudo, “sem imaginação inventiva” [...].* A expressão *afirma que* é típica de DI, e, inscrito neste, temos uma pequena parte de DD entre aspas, sendo esse modo de discurso citado denominado de ilhota citacional. É, portanto, um recurso que delimita claramente, numa estrutura de discurso citante, por meio de recursos tipográficos, um pequeno fragmento do discurso do outro, citado literalmente, evidenciando, dessa forma, o dizer que é de responsabilidade do estudante e o de responsabilidade do outro a que ele se reporta.

(07)

[...] De acordo com Bagno (2004, p. 29), no Brasil não se fala “uma só língua portuguesa”. Fala-se “um certo número de variedades de português, das quais, algumas chegaram ao ponto de norma padrão”, por motivos de ordem histórica, econômica, cultural e social, mas não de ordem linguística. Para Bagno, existe um português padrão, que é “a norma oficial, usada na literatura, nos meios de comunicação, nas leis e decretos do governo, ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas, definida nos dicionários”. Existe, por outro lado, um conjunto de português não padrão, que apresenta variedades de acordo “com as diferentes regiões geográficas, classe sociais, faixas etárias e níveis de escolarização”, as quais se encontram as pessoas que falam. [...] (M07, p. 24).

No fragmento 07, constatamos que o estudante resume o texto de *Bagno* ou trechos do texto desse autor datado do ano de 2004. O estudante faz esse resumo estabelecendo uma conexão sintática entre os fragmentos do texto de Bagno (2004) e suas próprias palavras, construindo, assim, os sentidos em torno do assunto em discussão: as variedades da língua portuguesa falada no Brasil. Conforme Mainueneau (2002, p. 154), “trata-se do resumo de um texto cujo original aparece apenas em *fragmentos no fio do discurso*”. Nessa

perspectiva, os fragmentos entre aspas são partes do discurso original. São, pois, apenas as aspas que permitem distinguir o discurso citante do discurso citado, o que só confirma aquela ideia de Bakhtin (2006) de que o discurso de outrem “pode entrar no discurso e na sua construção sintática”.

Do olhar quantitativo

Como a monografia caracteriza-se, dentre outros aspectos, como um texto em que a dimensão teórica é de fundamental importância, já que há a necessidade de o estudante demonstrar um domínio aprofundado das teorias relacionadas ao objeto de análise, as ocorrências do discurso citado são frequentes e variadas, conforme se pode notar no gráfico abaixo:

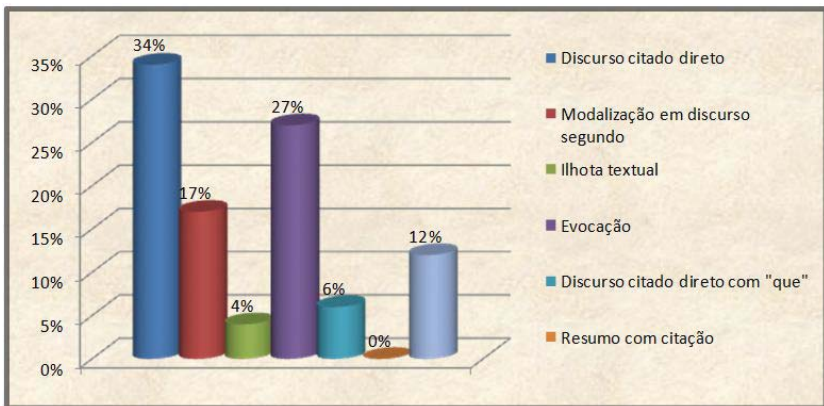


GRÁFICO 01- MODOS DE DISCURSO CITADO NO GÊNERO MONOGRAFIA.

Conforme explicita o gráfico, o DD mostra-se como o modo de discurso citado mais frequente na monografia, com 34% das ocorrências dos casos de discurso citado. Em termos percentuais, os demais modos mobilizados no gênero monografia apresentaram, em ordem decrescente, a seguinte distribuição: a evocação, com 27% das ocorrências; a modalização em discurso segundo, com 17%; o DI, com 12%; o discurso citado direto com “que”, com 06%; a

ilhota citacional, com 04%. E, por fim, o resumo com citações, com menos de 1%.

Dos números apresentados no gráfico, é possível diagnosticar alguns aspectos sobre o uso do discurso citado na escrita do estudante de Letras que merecem algumas ressalvas. Podemos observar que há uma tendência para o uso de modos de discurso citado em que o estudante se atém mais à tarefa de reproduzir literalmente o discurso e/ou trechos do discurso de outrem. Isso se confirma quando atentamos para o fato de que o uso do DI – modo de discurso citado em que o estudante faz, no dizer de Bakhtin (2006), uso de suas próprias palavras para reproduzir os sentidos do discurso de outrem – é pouco mobilizado, se comparado, por exemplo, ao uso do DD, que ocupa quase 1/3 das ocorrências de discurso citado mobilizadas, do discurso citado direto com “que”, que ocupa 6%, da ilhota citacional, que ocupa 4%, sem esquecer de alguns dos casos de modalização em discurso segundo, que também realizam a reprodução literal do dizer do outro.

Esses dados, contudo, representam um quadro animador, já que em outro estudo (BESSA, 2010), em que analisamos textos de estudantes em estágio menos avançado no curso – em 5º e 6º períodos – somente o uso do DD chega a atingir 75% dos modos de discurso citado mobilizados, o que mostra que os estudantes em um estágio mais avançado na formação acadêmica tendem a manifestar uma autonomia maior em relação ao uso do discurso de outrem, afastando-se mais da reprodução *ipsis literis* de palavras, à medida que fazem menos uso do DD e mais do DI, embora a diferença entre o uso desses dois modos seja ainda bastante acentuada.

Cabe assinalar, por fim, que a alta incidência dos modos de discurso citado evidenciada no *corpus* aqui analisado – especialmente dos modos cuja formulação textual comporta reprodução literal das palavras do outro – pode ser um indício da dificuldade que o estudante de Letras apresenta quando se defronta com a necessidade de parafrasear, comentar e atribuir sentidos a esse discurso que ele cita.

Conclusão

Como mostram os resultados, o estudante do Curso de Letras mobiliza vários modos de discurso citado na tessitura da monografia de conclusão de curso, o que se revela como uma tendência natural na escrita de textos acadêmicos, em razão de uma condição constitutiva dos gêneros da esfera em que são produzidos. É preocupante, contudo, o uso recorrente do DD e de outros modos que implicam a reprodução literal das palavras do outro na tessitura de tais textos, uma vez que a escrita do texto fica muito no nível da reprodução dos discursos alheios.

É preciso reconhecer, entretanto, que, estando em um processo de iniciação na produção de textos acadêmicos, esse estudante encontra-se num processo de apropriação de suas convenções, o que implica assumir como naturais as dificuldades reveladas por eles na escrita de tais textos, ainda mais porque, muitas vezes, a própria academia não se dedica ao ensino dessas convenções, tampouco orientadores e examinadores desses textos devotam devida atenção às convenções relacionadas ao uso do discurso do outro.

Por fim, acreditamos que os resultados ora apresentados colocam em foco a necessidade de discussões sobre a produção de textos acadêmicos, principalmente considerando seu aspecto dialógico na construção de sentidos, com destaque para o estudo do aspecto aqui examinado em textos também de pesquisadores especialistas e de diferentes áreas do conhecimento, para confrontar textos de iniciantes e especialistas, com vistas a entender como funciona o recurso do discurso citado na escrita acadêmica de um modo geral. Esses resultados também terão sua relevância nas discussões sobre a o ensino da produção de textos acadêmico-científicos e sobre o processo de orientação desses textos, tendo em vista a necessidade do ensinar a citar adequadamente cada um dos modos de discurso citado, considerando sua relevância na construção dos sentidos do texto.

Abstract: This work investigates kinds of cited discourse are quoted by students in Letras Course, when they produce academic writing. We took as background theory Bakhtin (1990, 2006), Maingueneau

(1996, 2002), Authier-Revuz (1998, 2004) and Boch & Grossmann (2002). The research follows a descriptive nature, through qualitative and quantitative approach, and it has as *corpus*, final monograph works of Letras Course. The results show us how students quote cited discourse, among them are most of those discourse in which we see literally others' words, what seems to indicate a certain difficulty of those students in paraphrase and give meaning to discourse they quote.

Keywords: Dialogism. Cited discourse. Student in Letras Course. Monograph.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. Claudia R. Castellanos Pfeiffer et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-80.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERNARDINO, R. A. dos S. *A reformulação parafrástica na fundamentação teórica de trabalhos de conclusão do curso de Letras*. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BESSA, J. C. R. B. *Referência ao discurso do outro: uma análise de problemas de relações de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico*. 2007. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

_____. (Coord.). *Relatório técnico final de atividades: pesquisa “A referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de curso de Letras”*, p. 47. Departamento de Letras do *Campus Avançado Prof^a. M^a Elisa de Albuquerque Maia*. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2010. (Apoio: PIBIC/UERN).

BOCH, F.; GROSSMANN, F. De l’usage des citations dans le discours théorique: des constats aux propositions didactiques. *Lidil*, n. 24, p. 91-112, 2001.

_____. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.

CUNHA, D. de A. O funcionamento dialógico em revistas e artigos de opinião. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; EZERRA, M. A.. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 166-179.

_____. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Matraga*, n. 22, p. 129-144, 2008.

_____. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *Bakhtiniana – revista de estudos do discurso*, v. 1, n. 5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

MAINGUENEAU, D. *Elementos de lingüística para o texto literário*.

São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MATÊNCIO, M. de L. M. Atividades de re (textualização) em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997.

MOTTA-ROTH, D. *Escritura, gêneros acadêmicos e construção de conhecimento*. Disponível: <<http://www.ufsm.br/labler/publi/escritur.html>>. Acesso em: 02 abr. 2003.

PEREIRA, C. C. *Formas e funções do discurso do outro no gênero monográfico*. 2007. 234f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

RAMIRES, V. Gêneros textuais e relações de poder na comunidade acadêmica. *Revista do GEL*, n. 4, p. 129-147, 2007.

RODRIGUES, M. das G. S. A continuidade de sentidos em relatórios produzidos por concluintes de Letras. In: SILVA, C. R.; CHRISTIANO, M. E. A.; CASTRO, O. M. (Org.). *Da gramática ao texto*. João Pessoa: Idéia, 2003, p. 57-80.